

III

Notas Finais

Rosa Melo

Na última década, particularmente após o fim da guerra pós-independência, que durou cerca de 30 anos consecutivos, as notícias sobre acusações de bruxaria a crianças, tidas por terceiros (vizinhos ou familiares) como crianças “feiticeiras” têm, de tempos em tempos, dominado as conversas, no quotidiano das pessoas. Comentários diversos veiculados quer entre homens, quer entre mulheres das diferentes camadas sociais enunciam por vezes indignação, outras vezes pavor e, outras vezes ainda, interrogações e dúvida com respeito quer à veracidade da fonte, isto é, dos acusadores, quer ao alegado poder do mal manipulado por crianças. Divulgadas sobretudo pelos meios de comunicação massiva, entre as quais a televisão pública de Angola e a Rádio Nacional, e apesar de os casos, até ao momento, não serem representativos dos diversos grupos sociais do país (centrando-se sobretudo na população do norte de Angola), uma tal informação permite pôr a descoberto práticas maliciosas e agentes maleficientes, nos meios em que tais situações ocorrem. Mas, mais do que isso, permite, a meu ver, perceber a capacidade manipulativa dos seres humanos no que toca aos aspectos da cultura e da tradição, assim como entender a sua flexibilidade no domínio do meio no qual se inserem.

Entretanto, além de reforçar os dilemas legais já existentes no contexto do *owanga*, a questão de “crianças feiticeiras” consegue ser tão mais dramática quando são as próprias crianças, aparentemente coagidas ou assustadas, a desvendarem histórias da sua participação nas práticas maliciosas dos adultos, nomeadamente nos festins e passeios nocturnos em casa das pretensas vítimas,

enquanto estas dormem. Depreende-se, contudo, que mesmo nestas circunstâncias são os adultos que manipulam e envolvem as crianças. Os mesmos estão sempre presentes nos seus relatos como agentes de coacção nas inicitivas maleficientes ou como mentores na execução de práticas obscuras, servindo as crianças, em geral, de veículo através dos quais os adultos realizam os seus intentos. Aliás, partindo do entendimento do conceito de *onganga*, na cultura *handa*, o indivíduo acusado de possuir e exercer o aludido poder (de *owanga*) pode perfeitamente ser apenas um “bode expiatório”; ou seja, pode ser qualquer indivíduo de dentro ou de fora da família, exposto através de poderes ocultos de outrem (neste caso, do próprio *onganga*) com vista a ilibar-se de eventuais acusações e da culpa de ter “comido” alguém. Daí que, reflectir sobre como são feitas tais acusações (particularmente a crianças), quem são os acusadores e os acusados, qual o seu nível social, o grau de parentesco do acusado relativamente ao acusador e o grau de inserção dos mesmos no contexto social e familiar; sobre qual a história da família e do local, assim como sobre a própria estrutura do grupo possa contribuir (i) para a compreensão da cultura e do pensamento dos indivíduos ou dos grupos implicados; (ii) para o entendimento de determinados contornos e feições do *owanga*, assim como da ideologia dos diferentes grupos humanos; (iii) para o conhecimento da individualidade dos grupos, bem como da dinâmica dos mesmos.

Embora não tendo sido central, neste trabalho, se nos ativermos, por instantes, sobre o aludido poder de *owanga* manuseado por crianças (ao qual me referirei como “síndrome”), alegadamente em determinados contextos sociais em Angola, podemos detectar similitudes com certas práticas mencionadas por autores como Evans-Pritchard e Riekje Pelgrim nos seus estudos sobre as crenças e práticas de bruxaria entre os *Azande* e os *VhaVenda*, na Zâmbia e na África do Sul, respectivamente. Revelando-nos os citados autores sobre a crença de que muitas crianças já nascem “feiticeiras”, já nascem com o poder de “comer” os outros e que o “feitiço” é algo transmissível de mãe para filho a partir do útero, um tal facto parece encontrar eco no comportamento acusatório dirigido a crianças, em certas zonas de Angola. No entanto, note-se que para os *Handa* ninguém nasce *onganga*, *omunyaneki* nem *ocimbanda* – uma constatação que, além de se contrapor às práticas acima enunciadas (respeitantes a alguns outros grupos sociais de Angola e de África), sublinha a existência de uma variabilidade de comportamentos e práticas, nos diferentes grupos identitários, e alerta-nos para os cuidados nas generalizações desses comportamentos, práticas e ideologias.

Com efeito, interrogo-me sobre se o “síndrome” do manuseamento do aludido poder do mal, de *owanga* ou de bruxaria por crianças, resultante da herança e da

Melo e Conceição : "O Que Mata Não é a Comida Mas o Que é Suposto.."

transmissão intrauterina, se circunscreve unicamente a África e diz respeito apenas às crianças africanas, às populações dos meios rurais e às dos meios desfavorecidos deste continente. Interrogo-me se a acusação de um tal "síndrome" afecto às crianças não resultará de uma interpretação arrojada sobre a complexa questão das crenças e práticas de *owanga* nas sociedades africanas. Interrogo-me, igualmente, se um tal facto não se tratará apenas da revelação do caos social em que os implicados estão envolvidos, de um apelo à necessidade de se fazer sentir, enfim, de uma estratégia de sobrevivência.

Anexos

Abastecimento alimentar per capita para o consumo humano directo (calorias/dia) e a projecção para 2010

Mundo	Abastecimento Per Capita (cal/dia)		
	69/71	88/90	2010
93 países em desenvolvimento	2120	2470	2730
África subsahariana	2140	2100	2170
Próximo Oriente /África do Norte	2380	3010	3120
Países desenvolvidos	3200	3400	3470

Fonte: Adaptado de FAO (1996). Agricultura mundial hacia el año 2010. Estudio de la FAO. Roma.

Índices nutritivos internacionais expressos em 100 grs de produto

Produtos	Calorias (kcal)	Proteínas	Gorduras
Feijão	341	22,1	1,7
Mandioca	109	0,9	0,2
Batata doce	92	0,7	0,2
Batata rena	67	1,6	0,1
Amendoim	589	24,3	50
Milho	356	9,5	4,3
Dendém	884	0	100
Óleo de palma	884	0	100
Hortícolas	22	1,4	0,2
Farinha de mandioca	33,8	1,5	0,6
Farinha de milho	363	8,4	1,2
Açúcar,	387	0	0
Óleo importado	393	37,2	15,6
Arroz	133	6,7	0,7
Peixe diverso	25	3,9	0,1
Aves	122	12,3	7,7
Carne	163	14,9	11
Leite em pó	61	3,3	3,3
Bananas	60	0,7	0,3
Papaias	28	0,4	0,1
Ovos	139	10,7	9,8

Fonte Adaptado de www.fao.org (Food balance sheet, 2002/2003).

Glossário

cilenge muso - designação de um dos grupos étnicos localizados na província da Huila.

cilulu - cf. *ocilulu*.

efuko - designação do ritual de iniciação feminina entre os *Handa*.

ekwendje - designação do ritual de iniciação masculina entre os *Handa*.

eumbo - conjunto de edifícios habitacionais pertencente a uma família; designa uma unidade habitacional composta por várias vivendas independentes e cada uma com uma função particular. Cada *eumbo* abrange o agregado de uma família extensa.

handa - designação do grupo social em estudo neste livro. Localiza-se no sul de Angola, particularmente nas províncias da Huila e numa pequena parte da província do Namibe.

massambala - *Andropogon sorghum* (Esterman 1957 : 175).

matila (ou *omatila*) - designação, em *oluhanda*, de uma hortícola do género da abóbora.

mwene wombelo - é a designação atribuída ao mestre de cerimónias do *ombelo* (local onde se celebram os rituais de iniciação feminina).

nganga - malfeitor; "feiticeiro"; comedor de almas. Cf. *onganga*.

ocikundu - bebida feita com farinha de milho e usada como refresco.

ocilulu (ou *cilulu*) - espírito maligno (pl. *ovilulu*); espírito demoníaco.

ocimbanda - "curandeiro".

ocoto - lugar sagrado situado ao ar livre (embora dentro dos limites do *eumbo*) destinado ao homem como chefe de família. É neste lugar que o dono do *eumbo* chefia e preside às mais diversas cerimónias tradicionais.

ohita - espécie de papa, relativamente mais concentrada. É feita em geral de milho ou massango. Nos meios urbanos é conhecido por pirão.

okanhome - designação de uma bebida espirituosa do género da aguardente.

oluhanda - designação da língua dos *Handa*.

omakao - cerveja tradicional de cor avermelhada feita de massambala.

omakao - *omakao* é um termo que designa uma cerveja tradicional bastante apreciada localmente. De cor avermelhada, é feita de massambala (*Andropogon sorghum*, Estermann 1957 : 175). Nos meios urbanizados, sobretudo entre os falantes da língua portuguesa (quer estes pertençam aos *Handa*, quer não), o mencionado termo é, habitualmente, pronunciado sem o **o** inicial. O termo *omakao*, tal como acontece com outros substantivos, nessa língua, aglutina o artigo (no singular expresso pelo **o**) mais o substantivo (*makao*), que normalmente, exprime a raiz da palavra.

ombimbi - espírito benfazejo ligado à maternidade e ao puerpério.

omulia cilulu - trad. literal: como espíritos maus.

omunyaneki - adivinho.

- omutala** – estrado feito de pau a pique. Tem, em geral, o formato de uma mesa rectangular invertida e não possui uma medida padrão. Pode atingir um metro de altura e dois a três metros de comprimento, havendo miniaturas de 50cm x 40 cm. Conforme o tamanho e o local onde se encontrem, são usados para diferentes fins, podendo servir para guardar os cereais não debulhados e os artigos de cozinha ou ainda como base sobre os quais se afixam os celeiros. Nalguns casos, podem também servir de objecto ritual para atender às solicitações de espíritos.
- ondjuwo yokomeso** – trad.: a casa da frente. O *ondjuwo yokomeso* constitui uma das peças do conjunto habitacional tanto dos *Cilenge Muso* como dos *Handa*. Entre estes últimos, o *ondjuwo yokomeso* constitui, pela sua função, um elemento particular na constituição do *eumbo*. Trata-se de um lugar de suma importância para determinados rituais como os de iniciação feminina (o *efuko*) e os mortuários.
- onganga** – malfeitor, “feiticeiro”, comedor de almas. O mesmo que *nganga*.
- ongundi** – manteiga.
- onombi** – um termo que além de ser usado para referir o conduto (no contexto culinário), alude a uma ementa composta por folhas de plantas cozidas e refogadas em óleo ou noutra gordura qualquer e designa um conjunto de vegetais comestíveis, cultiváveis ou não.
- onosande** – plural de *osande*.
- onosande yovakulu** – espírito dos ancestrais; espíritos dos mais velhos; espíritos daqueles que já partiram deste mundo.
- osande** – espírito ancestral; espírito de bem. (pl. *onosande*).
- owanga** – “bruxaria”; “feitiço”; poder maléfico.
- ovahanda** – os dos *Handa*; designa os que pertencem ao grupo étnico *Handa*; plural de *muhandá*.
- ovakulu** – os mais velhos. (sing. *omukulu*).
- ovimbanda** – plural de *ocimbanda*.
- ovitala** – plural de *omutala*.
- vahanda** – os *Handa*; os que pertencem aos *Handa*; termo para designar o plural de *muhandá* (cf. *ovahanda*).